



A HISTÓRIA DO BRASIL EM MANUEL AIRES DE CASAL: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA CULTURA HISTÓRICA RÜSENIANA¹

THE HISTORY OF BRAZIL IN THE WORK MANUEL AIRES DE CASAL: AN ANALYSIS FROM THE RÜSENIAN HISTORICAL CULTURE PERSPECTIVE

Larissa Klosowski de Paula²

RESUMO: Impressa no ano de 1817 no Brasil, a *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*, escrita pelo padre Manuel Aires de Casal, foi, de acordo com Prado Júnior (1955), referenciada no Brasil e no exterior, além de utilizada no ensino de história mesmo depois da virada republicana. Neste sentido, a proposta que segue visa apresentar, sob a ótica da cultura histórica em Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b, 2011) a escrita da história do Brasil presente nessa fonte. Para tanto, partiu-se de uma análise bibliográfica sobre o sujeito que a escreveu e do período da escrita para, posteriormente, se identificar, à guisa da metateoria rüseniana, os aspectos da cultura histórica presentes na fonte em estudo. Concluiu-se que obra foi precursora de uma visão de história que se perpetuou.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; Cultura Histórica; Jörn Rüsen.

ABSTRACT: Printed in 1817, Brazil, "Corografia brasílica" or the historical-geographical relation of the Kingdom of Brazil, written by Father Manuel Aires de Casal. Was, according to Prado Júnior (1955), referenced in Brazil and abroad, in addition to being used in history teaching even after the republican turn. In this sense, the proposal that follows aims to present from the perspective of historical culture in Jörn Rüsen's work, (2001, 2007a, 2007b, 2011) the writing of the history of Brazil, present in this source. To do so, we started with a bibliographical analysis of the subject who wrote it and the period of writing in order to subsequently identify, in the guise of the Rüsenian metatheory, the aspects of the historical culture present in the source under this study. It was concluded that the work was the precursor of a vision of history that was perpetuated.

KEYWORDS: History of Brazil; Historical Culture; Jörn Rüsen

¹Este artigo é um recorte da tese de doutoramento da autora, que pode ser acessada em <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/5033/1/LarissaKlosowskidePaula.pdf>

² Doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. Mestrado em Ensino pela Universidade Estadual do Paraná. Graduação em História pela Universidade Estadual do Paraná. Professora da Rede Básica de Ensino do Estado do Mato Grosso. E-mail: larissa_klosowski@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Entre as primeiras obras de História do Brasil aqui impressas, escrita por um naturalizado e disseminada por anos, pode-se encontrar a *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*, escrita pelo padre Manuel Aires de Casal e publicada no ano de 1817 pela Imprensa Régia. Segundo Prado Júnior (1955), tal obra, que buscava fazer uma adensada representação das condições geográficas e históricas, bem como das potencialidades e condições das províncias brasileiras até 1817. A obra foi disseminada até meados dos anos de 1870, além de ser citada por outros autores que tinham como temática a história do Brasil, seja em seu aspecto historiográfico, seja naquelas ligadas ao ensino de história. Ente esses autores, pode-se citar Joaquim Manoel de Macedo, Francisco Pizarro e Araújo, Abreu e Lima, Capistrano de Abreu, entre outros. Além disso, a obra do padre também fora citada por Januário da Cunha Barbosa em alguns discursos proferidos em reuniões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), como será possível observar adiante.

Embora mais associada à geografia, a *Corografia* influenciou os escritos utilizados para o ensino de história no Colégio Pedro II. Justamente por isso, tornou-se objeto deste e de outros estudos que visam destacar suas características enquanto fonte histórica de primeira mão. Aqui, dado o recorte, que consiste em identificar os aspectos da cultura histórica de acordo com a perspectiva detalhada por Jörn Rüsen na matriz que leva em consideração os campos dos *interesses, ideias, métodos, formas e funções*, primeiramente se partiu de uma breve explanação acerca do contexto histórico e do sujeito autor da obra, para, em um segundo momento, identificar os campos acima mencionados e que foram observados na triagem da *Corografia*.

A metodologia para se esmiuçar a pesquisa consistiu em pesquisa bibliográfica para mapear as características do tempo da escrita, bem como do sujeito escritor, e na leitura e catalogação da *Corografia* de “capa a capa”, tal como expresso por Luca (2011) quando se refere a leitura completa das obras analisadas nos estudos da imprensa.

O sujeito e a obra: algumas considerações

A vida do padre Manuel Aires de Casal não é muito conhecida na historiografia brasileira. De acordo com Prado Júnior (1955), o clérigo era natural de Portugal e teria vindo para o Brasil em 1796 como capelão, e se estabelecido no Rio de Janeiro. Fernandes, Farias e



Antunes (2013) mencionam que ele era formado em Teologia e Filosofia e, enquanto permaneceu no Brasil, teria destinado tempo para o estudo da geografia e história locais. Afirma Prado Júnior (1955) que o padre teria permanecido no Brasil até 1821, quando daqui partiu junto à corte portuguesa, vindo a falecer em Portugal. Além da *Corografia*, Aires de Casal publicou também *Notícia sobre as capitanias do Pará e Solimões* e a *Introdução da Geografia Brasileira*, uma espécie de releitura da *Corografia*, segundo Prado Júnior (1955).

Quanto ao período de publicação da *Corografia*, Neves e Machado (1999) mencionam que havia no Brasil pelo menos duas correntes de escritas advindas dos intelectuais brasileiros ou naturalizados, onde a primeira correspondia ao registro em forma de anais ou crônicas; e a segunda, que buscava alcançar um caráter edificante para a história do Brasil. De acordo com os/as autores/as, o escritor da *Corografia* teria seguido a primeira corrente de escrita, da qual também faziam parte Pizarro e Araújo, e Balthazar da Silva Lisboa.

A visão de história dos sujeitos que faziam parte dos círculos onde tais narrativas circulavam prevaleceu, de acordo com os/as autores/as supramencionados/as, até meados dos anos de 1850. Em relação a esses espaços de circularidade e propagação, destaca Carvalho (2020) que havia certa homogeneidade ideológica na elite do Primeiro Reinado, haja vista que fora oriunda de uma formação em comum, muitas vezes ou realizada em Coimbra, ou por intermédio de instituições que tinham em seus âmagos formativos sujeitos herdeiros da formação coimbrense. Assim sendo, “A elite brasileira, sobretudo na primeira metade do século XIX, teve treinamento em Coimbra, [...] e tornou-se, em sua grande maioria, parte do funcionalismo público [...]” (CARVALHO, 2020, p. 37).

Além disso, essa mesma elite perpetuou suas visões do que era considerado enquanto história e o que não o era, e, por fim, perpetuou a si própria na conjuntura dos escritos disseminados durante esse período e para além dele, dentre os quais a *Corografia* se apresentou, e, de acordo com Guimarães (1988, p. 5), seguirá ocupando lugar privilegiado, “[...] avançado do século XIX vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista.”

Em termos de organização, a *Corografia* foi resultado, segundo Prado Júnior (1955), do trabalho de um erudito e rebuscador arquivos e bibliotecas que catalogou em seu trabalho a densa descrição das províncias, trabalho este permeado por uma perspectiva clássica que se preocupava com a nomeação de acidentes geográficos, delimitação territorial precisa e com a



listagem das potencialidades vegetais, minerais e humanas de cada uma das regiões descritas na obra. No caso da *Corografia*, que foi dividida em dois tomos que, juntos, possuem mais de trezentas páginas, o autor contou ainda, de acordo com Fernandes, Farias e Antunes (2013), com Licença e Privilégio Real.

Contando com 22 subdivisões, excetuando-se a introdução, a obra segue uma espécie de estrutura de organização textual. Para começar, o autor titula a província a ser descrita; menciona sua localidade, ora utilizando-se referenciais de latitude e longitude, ora se utilizando de acidentes geográficos com referenciais; aborda o percurso histórico da província; descreve o clima, a vegetação, bem como os recursos minerais, a fitologia e zoologia locais; e finaliza com caracterização dos aldeamentos, vilas e demais marcadores populacionais existentes na província.

Embora, à primeira vista, essa metodologia aparente ser apenas uma mera descrição sem sentido de cultura histórica em si, catalogando a obra e analisando as premissas da matriz histórica de Rüsen, as características de cultura histórica presentes puderam ser observadas, como será possível esclarecer nas seções que seguem.

A matriz rüseniana, cultura histórica e a *Corografia*

Para esmiuçar a fonte acima descrita, a abordagem teórica utilizada compreendeu a matriz metateórica detalhada por Jörn Rüsen, haja vista que a singularidade do seu método, assentada na perspectiva da razão histórica, pode ser aplicada e respondeu à hipótese norteadora da pesquisa – que consistiu em se havia um preâmbulo de determinada cultura histórica na obra de Aires de Casal. Para compreender a matriz, deve-se, inicialmente, considerar que ela é composta por algumas dimensões específicas e interligadas entre si, a saber: os *interesses*, as *ideias*, os *métodos*, as *formas* e as *funções*.

Quais teriam sido os *interesses* de Casal quando na confecção da *Corografia*? Como o autor teria composto suas hipóteses, levando esses interesses às *ideias*? Quais teriam sido os seus *métodos*? E as *formas de apresentação*? A *Corografia* cumpriu as suas *funções*? Ela pode ser considerada um elemento da cultura histórica de seu período?

Para se conseguir responder esses questionamentos, primeiramente a obra fora lida de “capa a capa”; seus subtítulos foram divididos de acordo com a divisão originalmente realizada pelo autor em quadros orientativos de pesquisa; delimitou-se as categorias de análise de acordo



com as premissas da matriz rüseniana; e, por fim, contou-se com auxílio da plataforma *Iramuteq* para contabilizar os dados que eram quantitativos narrativos. Realizado esse traquejo de fonte, os dados da cultura histórica puderam ser observados, conforme disposto a seguir.

Os Interesses

Começando pelos *interesses*, Rüsen (2001) os identifica nas carências de orientação do e no tempo, que precisam de suporte histórico para chegarem a uma resolução. Nessa dimensão, há a necessidade do passado para o assenhorar-se dele, através do conhecimento e da representação do passado significado. O passado seria, nesta perspectiva, necessário e imprescindível não somente para se compreender o presente, mas para a projeção de perspectivas de um determinado futuro e para validação de uma narrativa que o explica de acordo com os interesses de quem a produz.

No que se refere ao campo dos *interesses*, inicialmente Casal destaca que o grande objetivo da *Corografia* é catalogar a história do reino, demonstrando o estágio de colonização de cada província até o momento da escrita da obra, destacando as povoações, as produções, os gêneros agrícolas produzidos em cada uma delas, bem como a existência ou não de alguns focos de pequenas indústrias. Sobre essa intencionalidade, de acordo com Correia Filho (1949), Casal não foi um precursor, haja vista que outros escritos já haviam sido publicados fora do Brasil trazendo a mesma intencionalidade como propulsor.

No entanto, é importante destacar que a *Corografia* adensa essa intencionalidade, deixando a descrição das províncias o mais precisa o possível, de modo a atender às carências de orientação de seu período de escrita, que estava, justamente, em compreender o território para potencializar a exploração e, ao mesmo tempo, transpô-lo, haja vista que outras informações puderam ser colhidas dessa fonte. Assim sendo, de acordo com Prado Júnior (1955, p. 60), “A Corografia representa assim, sob este aspecto, valiosa contribuição para uma das mais importantes questões do seu tempo.”. Porém, para que possa melhor compreender a entrelinhas permissíveis de pesquisa por intermédio da *Corografia*, analisou-se, levando em consideração as premissas de Rüsen (2001) sobre esse campo de investigação, quais eram os sujeitos mencionados na obra e, nas 51 subdivisões da *Corografia*, foram citadas pelo autor cerca de 38 etnias indígenas diferentes, bem como a ocupação territorial de cada uma delas.



Além disso, o vocábulo “índio” ocupou 20 dos 51 capítulos da obra; e “indígena” esteve na proporção de 11 dos 51 capítulos.

Assim sendo, mesmo que o interesse da obra fosse catalogar, sob o ponto de vista do colonizador, as províncias brasileiras, Casal registrou, mesmo que sem intenção, as etnias indígenas presentes em cada uma delas, o que dá suporte para o/a historiador/a da atualidade compreender em quais localidades as etnias citadas pelo autor se alojavam quando na escrita da obra. Além disso, o autor ainda cita alguns detalhes de práticas culturais de algumas das etnias encontradas nas províncias de Distrito do Rio das Velhas (povos Bororo), na Província do Rio de Janeiro (Goitacás); na Província do Espírito Santo (Puris); na Província de Porto Seguro (Manchacari); na Comarca de Ilhéus (Mongoiós); na Comarca da Bahia (Tapinás e Tupinambás); na Província do Maranhão (Manajó e dos Timbira); entre outras.

Os demais sujeitos mencionados pelo autor foram os “negros”, na proporção de 13 dos 51 capítulos; “portugueses”, ocupando 12 dos 51 capítulos; e “holandeses” e “franceses” com menos de 11 menções nos 51 capítulos. Assim sendo, o que se pode concluir com a análise dos sujeitos, parte do que se pode destacar do campo dos *interesses*, foi que embora a *Corografia* fosse escrita por um clérigo que também compactuava com os ideais de exploração do território e não abordasse a discussão sobre os povos indígenas fora do ponto de vista do colonizador, esses povos ocupavam espaço nas províncias, merecendo, também, amplo espaço de menção na obra do escritor. Isso também vale para os negros.

Outro ponto de destaque no campo dos *interesses* se refere às produções agrícolas destacadas pelo escritor em cada uma das províncias, haja vista que, durante o período de escrita da obra, valia-se da necessidade de se expandir o cultivo de gêneros de interesse ao mercado externo e, ao mesmo tempo, consolidar uma estrutura produtiva e administrava para essa porção territorial. Isso porque, de acordo com Carvalho (2020, p. 38), “No Brasil, a terra voltou a ser a principal fonte de riqueza e poder e, conseqüentemente, os proprietários, às vezes nobres portugueses empobrecidos, recuperaram o antigo prestígio”.

E a necessidade em mapear esse território através do assenhoreamento do passado sobre ele também se fazia pujante para que se pudesse projetar um futuro. O autor afirma ainda que tais produções nem sempre visavam atender o mercado externo, mas, ao mesmo tempo, o destaque à atividade de exportação é realizado, assim como também ocorre quanto às indicações de melhoria do cultivo e do trato de tais gêneros, dando a ideia de uma expectativa



de futuro em que essa tipologia de produção em grande escala pudesse ser mais promissora. Sobre essa expectativa, Casal (1817, p. 142) destaca que:

Espera-se, que estes povos, em começando a experimentar as vantagens dos instrumentos de ferro, e do vestuário, e que só os podem haver dos navegantes deste rio, aquietando-se, e comunicando de boa-fé com eles, não só lhes facilitem a nova navegação; mas concorram para o seu florescimento; até mesmo abrindo comércio com algumas produções do país em câmbio daqueloutros objetos (CASAL, 1817, p. 142).

Quando se trata dos *interesses*, nas premissas de Rüsen (2001), a forma como estes fazem vir à tona as carências de orientação permite que sejam identificadas as formas pelas quais o assenhoreamento do passado será encaminhado ao campo das *ideias*. No caso de Casal, a carência de orientação era a condição das províncias no momento da escrita da obra e que, ao serem fundamentadas no passado, desnudou uma série de povos que, ao mesmo tempo, se buscava apagar, bem como também se demonstrou as potencialidades agrícolas de terra que se catalogava.

As Ideias

Ainda assim, tais *interesses* necessitam de critérios de sentido para que, então, haja um fio condutor entre a representação desse passado, as carências de orientação do presente, de modo que os pontos de vistas sobre esse passado possam ser ordenados e reconhecidos enquanto “história” (RÜSEN, 2001). Deste modo, o campo que procede os *interesses* é o das *ideias*, aqui compreendidas como formas fundamentadas de se recorrer ao passado, através de hipóteses que serão esclarecidas, na perspectiva histórica, por intermédio dos *métodos*.

Neste sentido, quando se prosseguiu a análise para compreender as *ideias* que figuraram na obra de Casal, fora identificado que para fundamentar suas ideias, Casal faz uso de autores que o antecederam, tais como João de Barros, Willian Mavor e Antônio Herrera, entre outros; bem como de cartas, atas e demais documentos escritos. No entanto, o autor não deixa evidente a localização das fontes consultadas, característica que outro autor que o utiliza de referência e escreveu anos depois de Casal o faz (Monsenhor Pizarro e Araújo).

Em sua forma de detalhar as *ideias*, Casal as delimita utilizando como padrão a ser seguido o modo de vida europeu, de forma que quanto mais próxima a colônia se apresentasse desse tipo de modo operante, mais ela seria bem vista pelo autor. Assim sendo, o agir humano,



uma das características do campo das *ideias* e a lapidação desse agir na busca de assenhoreamento do passado pontua-se nesse padrão e dele não se dissipa.

As *ideias*, quando constituídas historicamente, abrem o caminho para se interpretar a experiência no tempo, significá-la e representá-la, e estas só se demonstrarão enquanto, de fato históricas, se perpassadas pelos *métodos*.

Os Métodos

Estes, por sua vez, caracterizam o que distingue o pensamento histórico, no sentido científico, dos demais, haja vista que nesta dimensão se alocam as especificidades da ciência histórica e seus desdobramentos. Eles atuam enquanto reguladores, critérios e direcionadores do pensamento para o caminho da História. Atuam, assim, enquanto fundamentadores da razão histórica. Para Rüsen (2007a, p. 101), os métodos indicam “[...], as operações específicas de conhecimento conhecidas como ‘pesquisa histórica’ e abrange suas regras básicas.”.

No percalço dessa dimensão estão os “comos” e os “modos” pelos quais o/a historiador/a realiza a análise de suas fontes, fundamenta seus estudos e os transforma em *formas de apresentação* viáveis. No quadro abaixo pode-se resumir os critérios utilizados por Rüsen quando se trata dos *métodos*:

Quadro 1: Os métodos da ciência histórica

DIMENSÕES DO MÉTODO HISTÓRICO			
UNIVERSAIS HISTÓRICOS	Recursos que permitem caracterizar as conjunturas, constatar a natureza do processo temporal e sua relação com os demais processos, identificar os fatores decisivos que desencadearam as mudanças ou permanências		
DIMENSÕES TEMPORAIS	<i>Hermenêutica</i> Orientada pela intenção do autor	<i>Análítica</i> Resultado do atrito entre as intenções e a orientação sistêmica	<i>Dialética</i> Resultado da relação mútua entre “[...] intensões e condições estruturais do agir humano” (RÜSEN, 2007a, p 117)
OPERAÇÕES PROCESSUAIS	<i>Heurística</i> “[...] operação metódica da pesquisa” (RÜSEN, 2007a, p. 118); “ses” e “comos” do fazer do historiador em relação à fonte	<i>Crítica</i> Delimitação do espaço/tempo em que o fato aconteceu, utilizando-se das “ciências auxiliares”	<i>Interpretação</i> Trabalho de síntese entre o fazer historiográfico e a “plausibilidade explicativa” (RÜSEN, 2007a, p. 130)
OPERAÇÕES SUBSTANCIAIS	<i>Hermenêutica</i> Dimensão do presente que possui resquícios do passado,	<i>Análítica</i> Orientação do sentido da história através da <i>práxis</i>	<i>Dialética</i> Forma de apresentação, embasada nas duas



	de onde se parte para compreender o passado	e do questionamento do fato	dimensões anteriores, análise das estruturas da “mentalidade”
--	---	-----------------------------	---

Fonte: Paula (2022), com base em: RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado.** Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília; Ed. UnB, 2007a

Cada uma dessas dimensões é amplamente discutida por Rüsen na obra *Reconstrução do Passado*. Para o momento, o que se pode destacar, inicialmente, é que a dimensão dos *universais históricos* é composta pelos campos das dimensões *temporais* e as *operações processuais* e *substanciais* que envolvem a pesquisa histórica. Neste sentido, essa dimensão compreenderia o “todo” da história, quanto as três outras possuem suas particularidades e subdivisões analíticas próprias.

No que se refere aos *métodos*, campo mais específico da matriz histórica delimitada por Rüsen, a obra de Casal apresentou características particularmente interligadas à temporalidade da escrita, ao local de sociabilidade do autor, bem como dos *interesses* que o provável público leitor teria sobre a obra. Isso porque no período de escrita da obra, a visão de escrita de história que se possuía no Brasil não seguia uma clivagem específica; seu autor, um clérigo, que não era historiador de ofício, não estava completamente comprometido com as evidenciações históricas que ainda eram inóspitas no momento; e o público leitor, restrito aos círculos da corte já que a obra era destinada à “vossa majestade” e foi impressa com a Licença Régia, estava em acordo com os *interesses* do autor.

Assim sendo, o *universal histórico*, ponto inicial dos *métodos* delimitados por Rüsen, utilizado por Casal foi a “descoberta” das Américas pelos povos de origem europeia e como a incursão desse elemento, principalmente, no Brasil teria rendido bons frutos. Nesta dimensão, são analisadas ainda as formas pelas quais o autor caracteriza as conjunturas, qual o processo temporal que alinha a obra, a relação entre esse processo temporal com as estruturas sociais que permeiam a escrita da obra, e o que fora destacado de mudança e permanência no decorrer do processo catalogado como história. E sobre essas temáticas, já que caracterização da conjuntura compreendia a chegada dos europeus às Américas e os benefícios dessa incursão, o processo temporal que alinha a obra também se caracteriza em ascensão, à medida que se aproxima do padrão europeu de produção, ou seja: o *tempo humano* seria uma seta para o futuro, rumo à uma sociedade parecida com a europeia.

No que se refere à relação desse processo temporal com as estruturas sociais presentes, a força da palavra escrita em se catalogar os recursos disponíveis nessa sociedade e qual a



condição das províncias até o momento da escrita reforça o interesse em se assenhorar do passado dessas localidades para, através dele, ressaltar o quanto seria benéfico se alinhar com o padrão defendido na obra como melhor para aquela territorialidade. Além disso, quando se trata do último ponto dos *universais históricos*, o autor novamente evidencia essa característica ao afirmar que as mudanças ocorridas após a incursão do elemento europeu nas províncias as faziam “evoluir”, enquanto aqueles que continuavam preservando padrões de vida distintos desse deveriam modificar-se.

Em relação às *dimensões temporais*, há uma mediação entre o ponto fulcral de onde parte a análise (presente do/a historiador/a) em relação ao objeto analisado; o contexto que o/a cerca e o contexto que cerceou o objeto; e a dinâmica relação entre essas premissas e o que se perpetuou ou se rompeu em relação ao objeto estudado. Ou seja: é através do desnudar das dimensões temporais que se compreendem as intencionalidades por trás da fonte e do/a pesquisador/a.

Em relação às *dimensões temporais*, compostas pela *hermenêutica, analítica e dialética*, a obra conta, na primeira destas dimensões, com a interferência do autor quando se trata em demonstrar seu posicionamento quanto ao processo histórico em análise. Casal não se preocupa, e nem deveria, haja vista a temporalidade em que escreve, em dissociar seu ponto de vista pessoal da escrita de sua obra. Ele está em voz ativa e posicionada a todo momento, destila opiniões e reforça posicionamentos. No entanto, é importante destacar que a história “[...] reconstrói processos temporais do passado de acordo com perspectivas de sentidos coerentes com as intenções dos atores (agentes ou pacientes) desses processos.” (RÜSEN, 2007a, p. 116), de modo que não haveria, no período do qual parte o sujeito escritor da *Corografia*, como ser diferente. Casal era um homem de seu tempo e escrevia para o seu tempo.

Quando se trata da dimensão da *analítica*, que aborda as imposições sistêmicas relacionadas ao objeto, vale destacar que a obra não passaria por um núcleo clivador dos critérios de escrita, haja vista que o órgão que inicialmente faria isso surgiria em 1838 – o IHGB, que também referenciaria Casal como um dos escritores de história do Brasil de renome. Assim sendo, o autor se movimenta mais livremente quanto a isso, como pode ser observado quando o mesmo destaca que “Antônio Herrera diz, que João Dias Solis costeara o Brasil até o Rio da Prata em 1509; Gomara diz que fora em 1512; Antônio Galvão que fora em 1513: nenhuma destas autoridades parece segura.” (CASAL, 1817, p. 32). Nesta passagem, nota-se que o autor



admite que há imprecisão quanto ao fato, mas ele apenas o menciona e dá continuidade ao seu escrito, sem elucidar a imprecisão.

Por fim, quando se trata da *dialética*, a obra do autor atingiu seus interesses sem maiores problemáticas: a obra chegou à “vossa majestade” que permitiu a sua impressão e circulação, o que, mais adiante, fez com que ela fosse referenciada por mais de cinquenta anos, chegando, inclusive, a permear como referencial a feitura de livros utilizados para o ensino de história. (PRADO JÚNIOR, 1955).

No que se refere às *operações processuais*, regimentadas pela *heurística*, pela *crítica* e pela *interpretação*, pode-se afirmar que este campo compreende as “regras” que garantem, ao mesmo tempo, rigor científico e forma dinâmica da representação do passado. Isso porque a “Heurística é a operação metódica da pesquisa [...]”; a *crítica*, “[...] contribui indiscutivelmente para o enriquecimento do saber histórico com o conteúdo de fatos do passado até então desconhecidos”, sendo considerada pelo autor como ponto fulcral para se chegar à objetividade histórica; e a *interpretação*, “[...] organiza as informações das fontes em história. Ela as insere no contexto narrativo em que os fatores do passado aparecem e podem ser compreendidos como história”, sendo esta a operação mais específica da ciência histórica, haja vista que é através dela se pode organizar o pensamento científico no sentido histórico que conduz as formas de apresentação desse procedimento, encaminhando-se para as *operações substanciais*. (RÜSEN, 2007a, p. 118-130).

Em relação às *operações processuais*, que se solidificam nas instâncias da *heurística*, da *crítica* e da *interpretação*, a obra de Casal possui suas abordagens metodológicas particulares, que estão interligadas com a ausência de um recurso clivador para tais aspectos. No entanto, mesmo quando o autor realiza uma descrição simples sobre determinado fato, ele, por vezes, o complementa em notas adensando alguns aspectos, como pode ser observado no trecho abaixo:

Havendo relatado o descobrimento do Brasil com Barros, Góis, e Osório à vista, comunicando-se-me depois no Arquivo da Real Marinha do Rio de Janeiro a cópia duma carta escrita em Porto Seguro pelo mencionado Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedro Alvares, que refere o caso em contrário daqueles outros, não só com miudeza, mas até com veracidade palpável, me vi obrigado a dar-lhe preferência: e estimei tanto este encontro, que escrupuloso faria injustiça aos meus leitores não lhes dando aqui dela a cópia seguinte (CASAL, 1817, p. 21 – [nota de rodapé]).



E a carta é inserida em nota de rodapé, como mencionado no trecho pelo autor, bem como outros recursos, tais como atas de assembleias, trechos de livros de outros autores, cartas, testemunhos orais (mesmo que generalistas), entre outros. Em relação a este último, não há, por parte do autor, preocupação em situar o leitor quem seria a fonte oral consultada, de modo que Casal cita apenas que consultou uma fonte oral, como pode ser observado no trecho onde se lê que: “Um sertanista, que desceu por este rio, diz que ele é navegável sem embarço desde Ciacanga até o salto da Vitória; mas não declara a extensão deste intervalo, [...]” (CASAL, 1817, p. 99).

No que se refere à *crítica*, embora o foco, a estrutura de narrativa e a temporalidade de escrita da obra não colaborasse para que essa dimensão fosse identificada, por vezes Casal apresenta algumas considerações que colocam tal dimensão à baila, tensionando escritos que o antecederam em relação ao esclarecimento de alguns fatos, como pode ser observado nos trechos onde se lê que: “Nada há tão provável como ter sido esta enseada descoberta por Gaspar de Lemos, quando voltava de Porto Seguro com a notícia do Descobrimento; porém ainda não apareceu documento, que nê-lo certifique.” (CASAL, 1817, p. 234 [notas de rodapé]); “Sendo Diogo Alves Correia da equipagem de Gaspar de Lemos, engana-se Herrera a seu respeito em dez anos. Este escritor sem dúvida equivocou-se, atribuindo a Caramuru a época da ficada dos oito.” (CASAL, 1817, p. 245).

A tradição, e a história mencionam quatro notáveis sucessos anteriores à fundação da capital, por onde começou a colonização da província: o naufrágio de Diogo Alves Correia, outro duma nau castelhana, o desembarque do único donatário Francisco Pereira Coutinho, e o seu desgraçado fim. Nenhum dos nossos escritores datou as épocas destes sucessos; e a discordância, que no respectivo se nota entre eles, faz duvidosa uma grande parte do que nos referem (CASAL, 1817, p. 223).

Neste sentido, pode-se inferir que o autor teve o cuidado de consultar outras fontes, relata os possíveis equívocos ou inconstâncias, de modo a realizar uma espécie de crítica, de maneira quase que precursora, mas ainda restrita pela condição do sujeito. Justamente por isso, na última das dimensões das *operações processuais*, a *interpretação*, a obra apresenta uma relação monocausal e unilateral da história nela catalogada, como era esperado de um escrito desse período.

As *operações substanciais*, para Rüsen (2007a, p. 133) “[...] trata-se do que foi levantado das fontes e interpretado como ‘história’”. Composta por três categorias, sendo a



primeira delas denominada pelo autor de *hermenêutica*, é nesta etapa dos métodos, de acordo com Rüsen, que a inércia do passado é balanceada pelas carências de orientação do presente de maneira fundamentada e os agentes dessas transformações são postos em evidência. No que tangencia a categoria da *analítica*, segunda dimensão das *operações substanciais*, os aspectos gerais da vida dos agentes são relevados para que, então, se possa desnudar os reflexos dessa conjuntura na produção e interpretação da fonte histórica. Já na *dialética*, última das categorias que compõe as *operações substanciais*, há uma articulação entre a *hermenêutica* e a *analítica* para que não se recaia em relativismos e nem em determinismos.

Por fim, na primeira dessas dimensões, que atua como fonte de desnaturalização de determinadas visões da história já construídas e consolidadas, a obra de Casal tenta destacar a cultura cristã como ponto de importância em detrimento da indígena e, para ele, pagã, bem como construções históricas que não tenham o elemento português como de importância para as províncias localizadas no Brasil. Em relação à *analítica* das *operações substanciais*, Casal realiza o movimento, mesmo que, talvez, inconsciente, de subjugar os povos indígenas como inferiores e construir uma narrativa que, embora os mencione, considera essa população como “selvagem”, que precisa ser aculturada. Assim sendo, Casal segue a *analítica* de seu tempo, realizando a *práxis* escrita que se espera de um sujeito de 1817. No relato abaixo, essa característica fica evidente:

Eis aqui como um viajante os retrata moralmente: "Os americanos são glutões em extremo, quando têm com que se saciar; sóbrios em a necessidade, até nem ainda desejar o necessário; pusilânimes e poltrões, enquanto a bebida os não faz enfurecer; inimigos do trabalho; indiferentes a qualquer motivo de honra, glória ou reconhecimento; unicamente ocupados do presente; sem cuidado do futuro; incapazes de reflexão; passam a vida, e envelhecem, sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos. É para admirar que com tais qualidades seja preciso tanto trabalho para fazê-los bons cristãos." (CASAL, 1817, p. 19).

Logo, tanto a *hermenêutica* quanto a *analítica* de Casal partem do mesmo ponto fulcral, que coincide com o próprio sujeito e sua rede de sociabilidade: ele é um membro da igreja, logo, sua escrita seria voltada para a defesa de um tipo de aculturação por intermédio, também, da religião; e ele afirma, no início da obra, estar escrevendo para informar “vossa majestade” sobre o andamento das províncias, logo, o posicionamento do ponto de vista do observador também está definido. Então, entre a *hermenêutica* e a *analítica* de Casal não há tensões, de modo que, justamente por isso, quanto se trata da *dialética* das *operações substanciais*, não



teve motivos para submeter a obra do autor a esse crivo de análise, posto que, nesta dimensão, o objetivo seria justamente identificar as tensões existentes entre as duas primeiras instâncias.

Assim sendo, a obra de Casal possuía um percalço histórico que lhe é particular, mas que surgiu de determinados *interesses*, que foram lapidados nas *ideias*, perpassaram os *métodos*, de acordo com o que era esperado para a época e, como todo resultante de escritos históricos, se apresentou por intermédio de uma narrativa. Esta, de acordo com Rüsen (2007b), faz parte da dimensão das *formas de apresentação* da matriz histórica.

As formas de apresentação e as funções

Encaminhando-se para a penúltima instância da matriz metateórica criada por Rüsen, a das *formas de apresentação*, vale destacar que esta se articula com os *métodos* ao passo que finaliza o processo iniciado, literalmente dando “forma” ao que fora levantado no campo dos *interesses*, lapidado em termos de *ideias* e levado aos *métodos* para se obter respostas fundamentadas. Isso porque, na maioria das vezes, se não em todas, a história é apresentada por intermédio de uma narrativa. E essa narrativa seria justamente as *formas de apresentação* da história, para a qual se leva em consideração o público que será atingido, a sua *relevância comunicativa* e se ela ativa ou não a *consciência histórica* do/a leitor/a. Esta última, de acordo com Rüsen (2007b, p. 34) “[...] tem por objetivo, pois, extrair do lastro do passado pontos de vista e perspectivas para a orientação do agir, nos quais tenham espaço a subjetividade dos agentes e sua busca de uma relação livre consigo mesmos e com seu mundo.”

Segundo Rüsen (2007b), as *formas de apresentação*, por possuírem em suas especificidades interligação com os/as produtores/as da narrativa e com a temporalidade em que cada um/a deles/as escreve, podem ser categorizadas em quatro *topoi* diferentes, a saber: *tradicional*, *exemplar*, *crítica* e *genética*; e, embora nenhuma se apresente de forma completamente híbrida, é possível se observar a prevalência de um *topos* narrativo quando se analisam as narrativas históricas.

De acordo com Rüsen as *formas de apresentação* e as *funções* se articulam entre si pelo fato de a última orientar a escrita da primeira, pois “Afiml, a história continua precisando ser ‘escrita’, ou seja, apresentada de alguma maneira, e toda historiografia – em que forma seja – está inserida em um contexto prático de funções”. (RÜSEN, 2007b, p. 11). Neste sentido, as



funções, fecham a matriz histórica ao passo em que cumprem o papel de prestar uma devolutiva às carências de orientação levantadas na dimensão dos *interesses*.

Nas *formas de apresentação*, destaca o autor, pode-se identificar até quatro *topoi* distintos de narrativas, como mencionado acima. Na obra de Casal, apenas as duas primeiras tipologias foram identificadas, haja vista que ela possuía um público-alvo bem delimitado: as redes de sociabilidade da corte, que se interessavam por conhecer a história das províncias. Além disso, Casal se alicerçava sua narrativa com um início pontuado pela “descoberta” de um território, de modo que, neste sentido, o assenhoreamento do passado se dá de forma absoluta, posto que a história dessa porção do reino só se inicia com a chegada do elemento europeu ou com a vinda desses povos para cá em tempos remotos.

Essa perspectiva pode ser observada quando o autor cita que “O certo é que os Sibérios orientais, chamados Choukchis, costumam passar o Estreito de Behring para a América no verão desde tempos imemorráveis” (CASAL, 1817, p. 19). A *continuidade*, na perspectiva de Rüsen (2007b) sobre as narrativas ocorre quando o autor solidifica o padrão europeu como modelo a ser seguido, como *tradição*, norteador para a *identidade*.

Em relação à tipologia *exemplar* da narrativa, destaca-se a forma como o autor intenciona tornar a narrativa que escreveu na *Corografia* um exemplo a ser seguido, principalmente quando se trava dos exemplos, nos dizeres de Casal, dos “bravios” exploradores que descobriram as potencialidades dessa terra, dos pioneiros sesmeiros e donatários que a fizeram prosperar, que enfrentaram os indóceis indígenas em busca de salvaguardar a posse do território, em nome de “vossa majestade”. Eles marcariam as *identidades* ideais a serem almeçadas.

Assim sendo, a obra de Casal, quando submetida à matriz rüseniana, demonstra a tipologia de cultura histórica que se canonizou por quase cinquenta anos após a publicação da *Corografia*. Isso porque tal obra foi utilizada como suporte de cânones do ensino de história, tais como Capistrano de Abreu e Joaquim Manuel de Macedo, no Colégio Pedro II, bem como também fora resgatada como precursora dos escritos de história do Brasil quando nos discursos de fundação do IHGB, como pode ser observado na passagem onde Januário da Cunha Barbosa, secretário perpétuo do Instituto, afirma que:

Desse cabedal, difficilmente reunido nas provincias pelos incansaveis e distinctos litteratos Barredo, Rocha Pitta, Bispo Azeredo, Monsenhor Pizarro, Frei Gaspar



Durão, Visconde de Cayurú e de S. Leopoldo, Conselheiro Balthazar Lisboa, Rebello, *Ayres de Casal*, L. Gonçalves dos Santos, Accioli, Bellegarde e outros muitos, se formará no nosso Instituto o corpo da história geral brasileira, encendrado pela philosophia de seus membros, e ligado em todas as suas partes pelas relações de seus factos, afim de serem dignamente comprehendidos (BARBOSA, 1839, p. 16 [grifos meus]).

Logo, essa *forma de apresentação*, disposta na narrativa de Casal se perpetuou tanto no IHGB, quanto no Colégio Pedro II, quando figurou enquanto norteadora para outras obras que foram utilizadas enquanto didáticas. Sendo assim, Casal não só cumpriu com as suas *funções* quando na elaboração da *Corografia*, como as transpôs.

No que se refere à cultura histórica, pode-se afirmar que, diante das considerações de Rüsen (2016), esta se compreende enquanto uma categoria que engloba aquilo que, de alguma forma, aproxima o passado do presente trazendo à tona vestígios significados do passado. O alicerce da cultura histórica seria, então, aquele recurso que permite aos sujeitos ressignificar o passado de maneira fundamentada através da memória histórica: a consciência histórica. Sobre isso, o autor destaca que:

Da consciência histórica há somente um pequeno passo para a cultura histórica. Se se examina o papel que exerce a consciência histórica na vida de uma sociedade, ela aparece como uma contribuição cultural fundamentalmente específica, que afeta e influi em quase todas as áreas da práxis da vida humana (RÜSEN, 2016, p. 57).

A cultura história seria, neste sentido, a “ação” concreta da consciência história, podendo ser identificada nos vestígios, dentre os quais, os escritos de história. Tais escritos poderiam revelar as entrelinhas da cultura histórica de seu tempo de produção, haja vista que carregam essas peculiaridades em suas narrativas e, neste caso, poderiam figurar dentre os chamados por Salles (2014) de disseminadores da cultura histórica.

Assim sendo, a matriz rüseniana forneceu os recursos necessários para se pesquisar os elementos da cultura histórica não só da *Corografia*, mas de outros vestígios históricos que podem ser esmiuçados por intermédio das análises das dimensões dos *interesses, ideias, métodos, formas e funções*, como demonstrado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Casal serviu ao seu propósito e para além dele. Os *interesses* do autor foram atingidos: os potenciais e a situação das províncias foram catalogados, bem como as características da fauna e flora locais, os recursos hídricos e minerais, bem como o desenvolvimento de algumas produções. Além disso, Casal ainda relegou para a posteridade a menção à uma diversidade de povos indígenas que ocuparam essas províncias, bem como alguns de seus modos de vida, ainda que tenha feito isso sob o ponto de vista do observador. As *ideias* clivadas pelo autor puderam ser investigadas à luz dos *métodos* que tinha à disposição no período de escrita da obra.

No diz respeito aos *métodos*, vale ressaltar que o autor possui seus *universais históricos*, realiza as *operações temporais*, bem como, em suas particularidades, perpassa as *operações processuais* e *substanciais*, de acordo com a temporalidade e as carências de orientação que demandavam. Ele, assim, permeou alguns pontos de uma espécie de historiografia, se relevadas as particularidades do período no qual escreveu.

A *Corografia* fora, ainda, composta por *formas de apresentação* condizentes com as suas *funções* de escrita: ela seria um modelo a ser seguido, uma narrativa que salvaguardava a tradicionalidade de uma cultura que deveria ser utilizada enquanto exemplo para outras. Neste sentido, ela perpetuou uma versão de história que se solidificava no padrão europeu.

Por fim, por intermédio da pesquisa realizada para compreender a cultura histórica perpetuada com a obra de Casal, pode-se, ao mesmo tempo, comprovar que o uso da metateoria delimitada por Rüsen (2001, 2007a, 2007b) pode ser aplicada à pesquisa histórica e permite que as considerações expostas neste texto sejam consolidadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso inaugural no ato de estatuir-se o IHGB. **RIHGB**, Tomo 1, 1839, p. 09-17.

CARVALHO, José Murilo. A construção da ordem: a elite imperial. **Teatro de sombras: a política imperial**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.



CORREA FILHO, Virgílio. Desenvolvimento dos Estudos Históricos no Brasil. **Revista de História de América**, 1949, 27: 45-58.

CASAL, Manuel Aires de. **Corografia brazilica**: ou, Relação historico-geografica do reino do Brazil. Impressão regia, 1817.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FARIA, Felipe; ANTUNES, Miguel Telles. Manuel Aires de Casal, o beemote de Jó e o registro das ocorrências fossilíferas brasileiras no início do século XIX. **Filosofia e História da Biologia**, 2013, 8.2: 133-150

GUIMARÃES, Manoel Luís Lima Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY; Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. – São Paulo: Contexto, 2011

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. **O império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

PRADRO JÚNIOR, Caio. A evolução da Geografia e a posição de Aires de Casal. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 19, p. 52-66, 1955

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da História I: os fundamentos da ciência da história. Brasília; Ed. UnB, 2001

_____. **Reconstrução do Passado**. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília; Ed. UnB, 2007a.

_____. **História Viva**. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília; Ed. UnB, 2007b.

_____. **Contribuições para uma teoria da didática da história**. Curitiba: W. A. Editores, 2016.

SALLES, André Mendes. Ensino de História, Livros Didáticos e Cultura Histórica. In: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Cultura Histórica e Ensino de História**. João Pessoa, Editora da UFBP, p. 39-64, 2014

Artigo recebido em: março/2023

Artigo aceito em: julho/2023